

ORGAN DA LIGA OPERARIA DE SANTA CATHARINA

Santa Catharina-Brazil

Redacção de Diversos

Publicação quinzenal

ANNO I

ASSIGNATURAS

Por mez. 500 rs.  
Capital. 500 rs.  
Pelo correio. 600 rs.  
Numero avulso 300 rs.

Capital, 30 de setembro de 1900

Autographos e correio  
pendencia  
EGYDIO NOGUEI  
RUA TRAJANO N. 12

NUMERO 2

## O NOSSO ORGAN

Apresentando-nos, pela segunda vez, aos nossos benevolos assignantes e leitores, nós o fazemos hoje possuidos do maior reconhecimento para com todos quantos nos receberam com extrema complacencia e delicadeza, encorajando-nos assim ao proseguimento de uma tarefa, sem duvida muito superior ás exiguas forças de que nos é licito dispôr.

Não somente os nossos dignos consocios, como especialmente todos os illustrados organs da imprensa local e ainda diversos e importantes concidadãos nossos, mostraram-se generosamente solícitos na manifestação do seu applauso e valiosissimo auxilio, pois vimos, vivamente penhorados, esgotar-se rapidamente a nossa edição, facto este que ultrapassou das nossas melhores previsões!

Sirva nos tudo isso para contrabalançar ou compensar os dissabores, que antolhamos nos não faltação na estrada que percorremos, tão farta de decepções e contrariedades...

Sobretudo, penhorou-nos profundamente a gentileza do sympathico e respeitavel Club «Doze de Agosto», honrando-nos com o obsequioso officio, que, com a devida venia, aqui transcrevemos, fechando com elle este pallido e mal esboçado testemunho do nosso cordial agradecimento.

«Secretaria da Bibliotheca do Club «Doze de Agosto», em 21 de Setembro de 1900.—Ilm. Snr.—A directoria da bibliotheca do Club «Doze de Agosto», agradavelmente surprehendida com a remessa obsequiosa, que V. S. se dignou de fazer-lhe, do *Operario*, importante organ da «Liga Operaria» que V. S. dirige, cumpre o grato dever de agradecer a V. S. essa distincção, desejando ao periodico, que tão honroso lugar vem occupar no jornaliso catharinense, todas as prosperidades de que é merecedor.

Aproveito o feliz ensejo para apresentar a V. S. os meus protes-

tos da mais elevada estima e consideração.—Ilm. Sr. Egidio Noguei, M. D. presidente da «Liga Operaria».—*Docteurinho Regis*, secretario.»

## NOBREZA DO OPERARIO

Não foram simplesmente luctas sangrentas dos antigos povos, nem vãs bajulações á classe da nobreza, que a Historia insculpiu em seus marmores indestructiveis.

Felizmente, para honra sua, não se lhe embotou o cinzel ao perpetuar os pacificos mas gloriosos trabalhos da modesta classe dos operarios.

Ahi vão elles buscar o seu braço.

Se a nobreza se empenhasse em perscrutar a sua origem, cedo encontraria-a na obscura plebe: taes os orgulhosos patricios romanos sahidos das turbas infrenes que devastavam as campinas de Alba-Longa, quando fundou-se a cidade eterna.

Quanto ao operario, não!

Retrograde elle o mais possivel no extenso caminho percorrido pela humanidade, e nem por isso verá attenuar-se-lhe o caracter: pelo contrario, nessa longa jornada terá de deparar com documentos honrosos e indiscutíveis da verdadeira nobreza da sua origem. Ante elle surgirão, uns após outros, os celebres monumentos que causaram a estupefacção não só dos coevos, mas ainda das gerações que se lhe seguiram.

Para provarmos a nossa asserção, vamos levantar o véo de sobre aquelles que constituiram as sete maravilhas do mundo antigo.

1ª.—O Colosso de Rhodes.

No porto da bella ilha de Rhodes, assim chamada pela grande quantidade de rosas que outrora a adornavam, elevava-se, no seculo III A. C., uma magnifica estatua do deos Apollo.

Era toda de bronze massico, e havia sido fundida por Charés de Lindé e Laches.

Refere a historia que a sua altura chegava a 33 metros, e que tendo os pés collocados sobre dois molhes á entrada da barra, podiam passar facilmente os navios por baixo das pernas do colosso.

Um tremor de terra derrubou-o no fim de 56 annos, sendo os seus destroços vendidos e transportados ao seu destino em 900 camellos.

2ª.—O Pharol de Alexandria.

Foi Ptolomeu Philadelpho, rei

do Egypto, que no seculo já citado mandou levantar na ilha de Pharos, vizinha da cidade de Alexandria, uma alta torre, em cujo cimo accendiam-se á noite fogos para servirem de guia aos navios que demandavam o porto da cidade.

A torre recebeu depois o nome da ilha, e pelo nome de pharós ficaram d'ahi em diante conhecidas todas as luzes que se accendem á noite para guiarem os navios.

3ª.—O Mausoléo.

Na cidade de Halicarnasso, do antigo reino da Caria, erigiu-se, no seculo IV A. C., um soberbo monumento mandado construir pela rainha Artemisia para honrar a memoria de seu marido Mausolo.

Nesse monumento, que por muitos annos attraheu a admiração de todos que o visitavam, gastou a rainha enormissima quantia; nelle trabalharam artistas de nomeada.

O nome de mausoléo serviu depois para designar as construcções d'essa especie.

4ª.—A estatua de Jupiter Olympico.

Para o templo dorico de Olympia, na Grecia, cinzelou Phidias, o mais illustre estatuario da antiguidade, uma riquissima estatua representando o rei dos deuses.

Tanto ella como o throno que a sustentava eram de ouro, marfim e pedras preciosas; sendo o trabalho de uma correcção e elegancia admiraveis.

Esta maravilha data do seculo V antes da nossa era.

5ª.—O Templo de Diana.

Na peninsula da Asia Menor, á pouca distancia do mar Egen, existia a florescente cidade de Epheso. Foi ahi que no seculo VII A. C., sob o plano do architecto Chersiphron, começou-se a erigir o grande templo dedicado á Diana, divindade pagã.

Este edificio grandioso, cuja construcção durou 220 annos de 20 metros de altura cada uma; algumas lavradas e ornadas de baixos relevos.

Nelle via-se a estatua da deusa, todo de ouro.

Incendiou-o Erostrato no anno 356 da mesma era, exactamente na noite em que nasceu Alexandre Magno.

6ª.—Os jardins suspensos de Babilonia.

Dois mil annos antes da era vulgar governava Semiramis a celebre cidade de Babilonia. Dentre as soberbas construcções com que dotou a sua cidade favorita, salientaram-se os famosos jardins sus-

pensos, especie de enormes tabuleiros cheios de terra, sustentados por columnas e contendo raras e frondosas arvores, bellas e odoríferas flores.

7ª.—As Pyramides do Egypto. Todas as construcções acima descriptas desapareceram sem deixar vestigios materiaes; não se pôde, porém, dizer outro tanto sobre as Pyramides do Egypto.

Levantadas em um remotissimo passado, ellas ainda hoje emergem dos areiaes ardentes para lembrar ás gerações que passam, os trabalhos inauditos de milhares de operarios.

São quadrangulares, medindo a maior dellas 233 metros de largura na base, e 150 metros de altura.

E' tempo de pararmos na longa jornada pelo passado em busca do tronco genealógico dos operarios.

Não será bastante para justificar a sua nobreza o encontrarmos vestigios d'ella ha quarenta seculos?

Abste-se, pois, a não cabendo do operario, honre-se-o como o mais forte sustentáculo da sociedade!

## A MODERAÇÃO

A moderação, como muito bem disse o illustre e venerando escriptor Alexandre Herculano, é, no sentido moral e mais generico, uma qualidade caracteristica, virtude ou disposição habitual que nos induz a usar de prudencia, ou justa medida em todas as cousas que dependem do nosso livre arbitrio.

Qualifica-se de moderado, o que em seus sentimentos, desejos e acções de qualquer natureza, sabe conter-se nos limites da razão e do dever e resignar-se ás necessidades.

Ao contrario, é immoderado o que, sem calcular as suas forças physicas, moraes e pecuniarias, sem attender aos deveres e obrigações, pratica actos, que algumas vezes de apparencia virtuosa, verdadeiramente viciosas.

A moderação, bem como as outras qualidades moraes, é caracteristica ou virtuosa — a primeira procede do caracter e constituição natural do individuo e a segunda da reflexão e esforço contra ás propensões contrarias aos nossos pensamentos, palavras e acções.

Uma é congenita e a outra é adquirivel.

No sentido economico, consiste em regularmos os nossos desejos e finalmente em todos os actos da nossa vida economica.

Assim pois, o homem, por

exemplo que vive do seu trabalho honrado, e que, ao envez de applicar o respectivo producto desse trabalho na manutenção e educação da familia, ou em casos que redundem em beneficio geral, applica-o em alimentar vicios, com prejuizo da saude e até da propria reputação, é immoderado; ao passo que o homem moderado antepõe a tudo o seu dever tanto na vida intima como na exterior.

Em conclusão a moderação representa o resumo de todas as virtudes e para o homem honrado nada é tão agradável como o qualificativo de moderado e intelligente.

## NECESSIDADE DA UNIÃO

### I

A união faz a força.

Uma vara isolada quebra-se facilmente; um feixe de varas, não ha força que o quebre!

Não basta que se unam entre si os membros de uma classe; é mister que se liguem todas as classes da sociedade.

Cumpra que a theoria não menospreze a pratica; importa que a sciencia não desconsidere a arte; é preciso que as bellas artes não depreciem as artes mechanicas; cumpra que o architecto não menospreze o carpinteiro nem o pedreiro; é mister que o medico não desconsidere o boticario nem o enfermeiro; é preciso que o juiz não menospreze o escrivão nem o official de justiça; importa que os chefes das repartições não desconsiderem os continuos nem os serventes; é mister que os amos não maltratam os criados; importa que os eleitos não menosprezem os eleitores; é preciso que o consumidor não menospreze o produtor.

### II

Imaginemos um apologo, para darmos uma idéa do lastimoso estado da sociedade.

A rama e a raiz.

Um dia, balouçada pela brisa, uma soberba rama falou assim: «Eu sou superior ao tronco, e muito superior á raiz, aquella miseravel que mal vive debaixo do solo e de que ninguem faz caso. Atraio os olhares do poeta, do naturalista e do philosopho; attraio, tambem, os olhares das delicadas damas, quando estou carregada de vistosas flores. O viajante fatigado e queimado do sol vem gozar da fresca sombra que generosamente....»

Ainda não tinha acabado quando o pampeiro açoitou rijamente os ramos, que luctaram e quebraram-se, espalhando-se mil folhas pelos ares!

Então, a raiz tomou a palavra: «Eis ahi o resultado da tua arrogancia! Ingrata! a quem tenho transmittido a minha seiva! Não

comprehendias que quem mais alto está mais arriscado está a cair! O pampeiro te veio ensinar que o superior é inferior e que o inferior é superior; que perante a natureza somos todos eguaes; que não ha superioridade nem inferioridade em absoluto; que a superioridade é relativa, como relativa é a inferioridade! A adversidade te faz comprehender a lei das compensações: tu, com toda a tua superioridade, estás morta; eu, com toda a minha inferioridade, estou viva e incolume!»

Não é de admirar que a altissima rama insulte a raiz, que está tão distante; o que é mais de espantar é que os ramos contendam entre si!!!

E para cumulo do espanto, no mesmo ramo brigam as folhas!!!

### III

E' tempo de acabar-se de uma vez esse lucta entre os theoreticos e os praticos.

E' tam condemnavel o desdém daquelles como a rude teimosia destes.

E' tam vituperavel a pretensão que têm aquelles de fazerem prevalecer a theoria, como a que têm estes de fazerem predominar a pratica.

Si é certo que é uma palavra vã a theoria sem a pratica, não é menos verdade que a pratica sem a theoria é uma pratica atrazada e esteril; da pratica adiantada e fecunda é que derivou-se a theoria.

Dizem os praticos que a pratica é a mãe da theoria.

Sim! Mas é justo, é natural que a mãe desconsidere a filha?

E' preciso que os theoreticos se convençam de uma verdade muito velha, que já era conhecida por Camões:

«... posto que em scientes muito cabe Mais em particular o experto sabe.»  
(Lus. C. 10 . E. 152)

Mas é preciso, tambem, que os praticos se convençam de que o particular obedece ao geral.

Cumpra que os praticos se convençam de que necessitam de instrucção: a arithmetica elemental, o systema metrico decimal, a geometria pratica e o desenho linear são materias indispensaveis assim ao alfaiate, como ao sapateiro, ao carpinteiro, ao marceneiro, ao pedreiro, ao ferreiro, ao ourives, etc.

Cesse o exclusivismo e abandonem-se os preconceitos.

Aperte o delicado engenheiro a dextra callosa do operario.

Respeitem-se mutuamente os theoreticos e os praticos.

Não tenha o operario vergonha de estudar as materias necessarias, para que a pratica se torne fecunda.

Nivelem-se os sabios com os ignorantes.

Desçam aquelles, para subirem

estes; que a sociedade será digna de tal nome: o nome—socio—traduz o de—irmão—.

Unam-se todas as classes, que só assim se realizará o destino da sociedade.

ALOYSIO PAULICEO

## DOCUMENTO HONROSO

Tivemos o prazer de ler nas columnas d'O Paiz,—o bem conhecido importante organ de publicidade da Capital Federal,—em sua edição de 6 de Julho ultimo, precedida de algumas linhas da sua illustrada Redacção, uma preciosa e elegante carta do exmo. sr. Fialho de Almeida, distincto litterato portuguez, dirigida ao nosso intelligentissimo conterraneo Virgilio Varzea, relativamente ao interessante e esplendido livro deste nosso amigo, denominado *Santa Catharina*, com cuja publicação o «Centro Catharinense», auxiliado em parte pelo Governo deste Estado, concorreu para a commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil.

O juizo insuspeito de uma autoridade de tão incontestavel competencia, deve ser altamente satisfactorio e animador do joven escriptor, e compensará de certo a indiferença, senão injustiça, com que muitas vezes os proprios patricios costumam acolher trabalhos de tal ordem.

Por carencia de espaço, deixamos de transcrever aqui a carta alludida.

## O TRABALHO

O trabalho é uma condição de moralidade para o homem.

Sem esse exercicio salutar entibia-se o entendimento, enervão-se os orgãos e enfraquece-se o organismo, como uma consequencia necessaria da perturbação das diversas funções sobre que se basêa a existencia do homem.

As alegrias do ocioso são sempre mescladas de máo estar, que raramente consegue diminuir, e cuja procedencia nunca é conhecida de quem soffre.

Desse indefinivel soffrimento nasce commumente o odio á sociedade em que se vive, e d'ahi procede a falta de tolerancia para estranhos erros, e a disposição em que se fica permanentemente para curvar-se ao vicio e para offender-se a todos, nunca havendo no espirito uma só idéa de benevolencia, e tendo-se cheio o coração de desejos reprovados e mesquinhos odios.

O homem trabalhador, ao contrario, encontra grandes contentamentos nas poucas horas de descanso que tem, e a contemplação dos objectos a que dedicou a maior parte de suas horas é um incentivo nobre para continuar nessa vida afanosa, em que o descanso

é como que um oasis em meio de grandes desertos.

Vêde para exemplo o operario diligente e honrado que em todo o decurso do dia affronta os raios do sol, e que tem na mão callosa a eloquente demonstração de seu intenso amor ao trabalho.

Quando a noite baixa do céu, elle não vai repousar no vicio e no crime; os membros cansados de tão duro lidar, exigem agora calma e socego.

O espirito já antevê a aurora de um novo dia, e antes que as sombras da noite se dispersem aos primeiros clarões da madrugada, é indispensavel buscar em tranquillo somno as forças precisas para novo lidar.

E' então que o ocioso procura os que com elle convivem, á luz baça do lampeão das tavernas, e ahi é que se originão as disputas sanguinarias, cujo epilogo se passa entre as sombrias parêdes de uma sala de prisão.

O ocioso esquece a familia, entre as provações em que tantas vezes se passão seus dias:—seus velhos progenitores não têm quem lhes acaricie as cans embranquecidas pela degração, e ficão abandonados entre as lagrimas sem consolo de corações desventurados e as afflições sem esperanças de desalentados espiritos.

## FRATELLANZA ITALIANA

Em sessão de 20 de Setembro tomou posse a nova directoria dessa sociedade, assim composta:

Presidente, Ferdinando Fiorenzano.

Vice, Guiseppe Camarieri.

Secretario, Ugo Piazza.

Vice, Frederico Selva.

Thesoureiro, Clemente Domini.

Vice, Attilio Drago.

Conselheiros: Pasquale Simone, Vincenzo Fama, Luigi Damiani, Egidio Noceti, Brando Battista, Francesco Taranto e Benvenuto Beltrami.

Supplentes: Antonio R vere, Luigi Sartorato e Luigi Vian.

Procuradores: Guiseppe Destri e Michele de Giacomo.

Supplentes: Giovanni Ghislotti e Gioffi Felice.

Porta bandeira da sociedade: Felippo Tonarra e Vittorio Fornerelli.

Porta bandeira da nação: Perro ni Antonio e Guiseppe Damasco. Gratos pela communicação.

Acha-se ligeiramente enfermo, aguardando o leito, o nosso illustrado advogado, Dr. Henrique de Almeida Valgas.

O Operario faz votos pelo seu prompto restabelecimento.

OS OPERARIOS

Nas eras remotas, da nossa existencia social, o trabalho era imposto como castigo e o operario tido na conta de servo humilde e até mesmo tratado como escravo.

A medida, porém, que as nações se fundavam ou se desenvolviam, regidas pelos principios da civilização, tendo por base a igualdade dos deveres e direitos, os operarios elevaram-se, segundo a ordem natural, á altura das outras classes, sem privilegios ou distincções, a não serem os do talento e das acções.

Intenizmente esse nivelamento social, entre nós principalmente, levou tempos infinitos a observar-se, a accentuar-se.

Foi preciso que os grandes ensinamentos da historia fizessem desaparecer a desigualdade social ante a qual o operario era, tradicionalmente, em vez de ente humano, tão respeitavel como os outros, apenas um simples racional, digno de comiserção.

Extinctos os preconceitos absurdos, nivellaram-se os membros da familia brasileira.

O homem operario tem hoje tanto valor moral e social quanto o homem milionario.

Todos, elevam-se e distinguem-se apenas pelo saber e aa virtudes.

Nas mesmas condições está a mulher, em absoluto.

E se assim não fosse, seria tão falsa e vexatoria a nossa organização social quanto as proprias leis em que ella tem as suas bases.

O operario é, pois, um ente superior, de tão elevada importancia, de tanto merito, de tanta veneração, quanto, relativamente, o medico, o engenheiro, o advogado, porque todos elles exercem um sacerdocio, cada qual na sua profissão—a sciencia e a arte.

Por outro lado, entre o operario e o capitalista nenhuma differença existe, quer social quer materialmente.

Se o primeiro precisa do capital, o segundo não dispensa o trabalho.

Por ajuste reciproco fazem ambos a troca de um e outro. E' a lei da permuta.

E que seria do capitalista se não existisse o operario?

Aquelle teria dinheiro, muito dinheiro, que não lhe serviria de conforto por falta de elementos deste.

Mas, nas sociedades modernas, nivelladas pelo direito natural, a permuta da moeda pelo objecto é, seguramente, a transacção pela qual o capitalista e o operario adquirem, sem vexame para um e outro, o necessario á subsistencia de ambos.

D'ahi a suprema garantia do equilibrio social.

O operario precisa da moeda; mas o capitalista não dispensa o

objecto, mormente se elle é alimenticio.

Pela força das circunstancias dá-se a permuta, e é nella que está a sublimidade da nossa organização social.

O artista faz o objecto, um quadro, por exemplo, producto sublime da sua imaginação ardente, do seu talento robusto; o capitalista passa, contempla-o, aprecia-o, adora-o, ambiciona-o, por fim.

Ambos ajustam a permuta delle pela moeda. O artista entra legalmente na posse della, com a qual vai fazer outra permuta, satisfazendo a sua ambição—a subsistencia; e o capitalista lá vai conduzindo o objecto para o lar, onde o admira, onde o contempla, n'uma especie de extasis, onde, em fim, o enleva e lhe vivifica a alma.

Ah! quantos individuos, desses a quem a fortuna enriqueceu, não invejam os artistas, lamentando não poderem produzir cousas tão sublimes!...

E quantos d'aquelles não prefeririam produzil-as a serem capitalistas inertes e indolentes?

O operario é, pois, socialmente, um ente humano igual aos outros entes que o não são; e, pelo lado material, artistico, scientifico, é talvez mais elevado que elles, porque produz, edifica, semeia, promove, n'uma palavra, tudo quanto é necessario a sociedade em geral.

A. C.

EGYDIO NOCETI

«Sagrado é o teu direito, sympathica a tua causa.»

M. Leite

Ja mais o operariado catharinense poderá olvidar a grandiosa data em que veio a luz da publicidade do *Operario*, assim como os membros da sociedade «Liga Operaria Beneficente», poderão esquecer esse gigantesco passo civilizador que acaba de dar, em prol desse instituto, o benemerito, o distincto, o humanitario cidadão que encima estas obscuras linhas.

Sim, o apparecimento do *Operario*, organ destinado á defesa da classe, é obra desse incansavel moço que não recuou em face de sacrificios para levar avante essa grande empresa, para o futuro, supponos, trará grande vantagem á «Liga Operaria», por isso é um dever de todos com especialidade os nossos consocios, auxiliaremos nessa ardua tarefa—á Imprensa, que para orgulho do operariado em geral já faz parte o *Operario*.

Victor Hugo, com a magestade do seu saber, disse:

«A imprensa é a força, porque é a intelligencia. E' o clarim vivo da humanidade; toca a alvorada dos povos, annunciando em voz alta o

reinado do direito; não conta com a noite, senão para, no fim della, saudar a aurora; adivinha o dia e adverte o mundo.

«A imprensa é a santa e imensa locomotiva do progresso, que leva a humanidade para a terra de Chanaan, a terra futura onde não haverá em torno de nós senão irmãos, e por cima de nós, o céu.

«A imprensa é a voz do mundo; é o dedo indicador do dever; é o auxiliar do patriota e o terror do traidor e do cobarde.

«De todos os circulos, de todos os esplendores do espirito humano, o mais largo é a imprensa; o seu diametro é o proprio diametro da civilização.

«Falar, escrever, imprimir e publicar, são circulos successivos á intelligencia activa; são as ondas sonoras do pensamento.»

Baseado neste ensinamento do grande mestre, é que Eglydio Noceti, sempre amante do progresso e da civilização, fez publicar o *Operario*, que, julgamos, foi bem recebido pelo illustrado publico.

Ao nosso intelligente consocio Joaquim Becker, os nossos parabens por ver realisada a sua idéa, em boa hora concebida e estará satisfeito por ter sido ella posta em pratica pelo digno presidente da sociedade «Liga Operaria Beneficente.»

OS MARIIMOS

OBITO

Falleceu, em avançada idade, na capital do visinho Estado do Rio Grande do Sul, no dia 11 do mez proximo passado, o desembargador aposentado, Dr. José de Araujo Brusque, que, sendo então juiz de direito, tóra chefe de policia d'esta ex-Provincia, de Junho de 1860 a Outubro de 1862, data em que os empregados da respectiva Secretaria lhe offerceram o seu retrato, em prova de gratidão e apreço pela sua affabilidade, espirito de justiça e notavel respeito á lei.

Foi o primeiro dos trez unicos chefes de policia, que aqui usaram do vestuario, creado por lei, no tempo do Imperio, para os magistrados que exerciam aquelle importante cargo.

PARABENS

Conta hoje mais uma lindissima primavera a mimosa Juçá, dilecta filha do sr. Lydio Barbosa, nosso distincto conterraneo, e prestimoso consocio, a quem, bem como a sua exma. familia, saudamos com muita alegria e respeito.

RELATORIO

PRIMEIRA PARTE

SUMARIO:— *Introdução, Matricula, Finação, Diarios e pensões, Bibliotheca, Philarmónica, Assistência medica, Assistência Judicaria.*

DA BIBLIOTHECA

Possuia a nossa bibliotheca em fevereiro do anno passado, 532 volumes, estimados no valor de 1:578\$600.

Entraram durante o anno 28 volumes no valor de 98\$000 constituindo-se, portanto nesta data de volumes 560 no mesmo valor provavel de 98\$000, porquanto, o valor dos livros entrados é considerado o valor da depreciação da bibliotheca, durante o anno, e como tal deixo de represental-o.

Serviram nessa secção da Liga Operaria Beneficente:

O socio Domingos Prates de Souza, de 5 de fevereiro a 10 de março; o socio Severiano Thomaz da Silveira, de 10 de março a 22 de setembro e o socio Clementino Barcello de Brito daquela data até hoje.

Autorisado por assemblea geral de 2 de março do referido anno, nomeei para reorganisar a bibliotheca os srs. socios Lydio Martins Barbosa, Jacintho Simas e Antonio Joaquim Soeiro, substituindo este que não quiz aceitar tal encargo, o socio Clementino Barcello de Brito.

De facto a referida commissão precedeo a esse trabalho apresentando a tres de outubro seguinte, o projecto de reforma do respectivo regulamento, o qual discutido e approvado, unanimemente, em sessão da directoria, foi promulgado em 27 desse mez.

Em obediencia a essa reforma, passou então, a bibliotheca da Liga Operaria Beneficente, a ser administrada por uma commissão directora, de nomeação minha, que se compõe dos srs. socios Lydio Martins Barbosa, Pedro Bosco e Clementino Britto, de quem muito devemos esperar a bem do desenvolvimento d'essa secção, para a qual venho de pedir o vosso auxilio poderoso, por isso que ella é tão de proveito á nossa instrucção e ao nosso recreio.

(Continua)

CONSORCIO

No dia 18 do corrente, consorciaram-se, civil e religiosamente, o nosso presado amigo e consocio José Antonio de Souza Junior e a Exma. Sra. D. Anna Alves Cardozo.

Muitos parabens.

ORIGINAL !

Entre os Esquimós é regra de boa educação chorar-se nos enterros de amigos. Quando um começa todos são obrigados a presequir. O convidado mais considerado depois de chorar algum tempo levanta-se e vai enxugar as lagrimas do parente mais proximo do defuncto. Mesmo sem ser em enterros, si um Esquimó chora em presença de outros, todos choram,—muitas vezes antes de saberem porque.

Sia moda pega, temos que ver muita gente chorar !

VIRGILIO VARZEA

Lemos, com muito gosto e applauso, quanto disse a *Pagina* n. 26, de 23 do presente mez, com respeito ao primoroso livro do nosso distincto amigo ausente, Virgilio Varzea.

Foigamos de ver a maneira por que a illustrada redacção da nossa illustre collega, com imparcialidade e justiça, aprecia e critica nma obra, recebida de modo assas honroso para o seu digno autor, até na culta e, no caso, insuspeita Europa.

IMPRESA PERIODICA

No dia 20 do mez que hoje finda, surgiu á luz da publicidade o *Mercantil*, organo do «Gremio I. e B. dos Empregados no Commercio.»

Tendo lido com prazer o seu programma e demais artigos, muito folgaremos ao vê-lo trilhar com garbo a estrada gloriosa da imprensa.

Tambem, do dia 16, reaparece a *Ideia*, pequeno jornal de jovens estudantes, digno de admiração e apreço.

CONVITE

Para o baile que os amigos e admiradores do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, offereceram-lhe a 28 do corrente fomos distinguidos com o seguinte convite:

Exmo. Sr.—A commissão abaixo assignada tem a honra de convidar-vos e a Exma. Familia para o baile que os amigos e admiradores do Exmo. Sr. Dr. Felipe Schmidt, illustre Governador do Estado offerecem-lhe no theatro Alvaro de Carvahlo, no dia 28 do corrente segundo anniversario de sua administração.

Florianopolis, 20 de Setembro de 1900.—A commissão: Benicio Tavares, Apollinario Pereira, Fernando Machado, Gustavo Richlin, Arthur Lima e Pedro Feddersen.

DESABAMENTO

Occorreu, no dia 17 do corrente mez, o da parede da frente do edificio, em obras, da charutaria *Macedonia*, do que resultou ficar bastante ferido o operario Jacomo Gereda, nosso digno consocio, que foi logo soccorrido e medicado pelo Sr. Dr. Rodolpho Garnier, nosso illustre socio benemerito.

Acha-se nesta capital, acompanhado de sua exma. esposa, o nosso illustre collega Dr. Thiago da Fonseca, redactor-chefe do *Progresso*, de Itajahy.

LOGOGRIPOS

AO INCOGNITO SOLON

Um premio ao 1 decifrador.

Anafado barão de stirpe illustre, orgulhoso de nobre descendencia, como o nosso Bomfante ha dado ás artes, ás industrias e sciencia! 5, 4, 6, 7, 8

Correndo, como corre, atraz da sorte, jogando, como joga, em loteria, 1, 2, 7, 8 affronta com denodo a própria morte, ás vis perseguições da pretoria !

Mas é bicheiro... e joga sem recato em toda a bicharia do Leal... Ora aposta no porco, ora no pato, ou no sapo... que estima o lodacal!—3, 4, 5, 8

E n'este jogo infrene, vil, nefando, que traz em sobresaltos a policia, vai tudo consumindo e devorando, porque tudo devora... com pericia!

João Duarte

Ao KVII do «Sul Americano»

Neste campo solitario, 1, 7 Eu estudei o que sei; 3, 4 Avistei este animal 3, 4, 6, 2 Que com receio fiquei.

Depois estudei a musica Aprendendo estas notas 5, 2 Vivo triste e abandonado Com as minhas ideas mortas.

K D T

CHARADAS

(SYNCOPADAS)

A Egydio Noceti

2—Arvore africana tem saliva viçosa—2

A Classe Operaria

O algodoeiro com oleo aromático é arvore—2—3

Ouro Preto (leão)

3—Sou descanso e apparencia—2

K D T

Ao amigo Antonio Olavo

3—A casa anda no figurino—2 Gonsalo de Lage

BIBLICO

A EGYDIO NOCETI

Tanto resplandecia a sua vida, tanto Como no Azul o sol resplandecia!  
A vida de José, do Bom, do Santo,  
Do idolatrado esposo de Maria.

Na sua tenda havia o meigo encanto,  
E a cantante, purissima alegria  
Do Azul voltado como um doce manto  
De affectos sobre um ninho, á luz do dia.

Toda essa vida recordava um psalmo  
De ramos de oliveira sobre as aguas  
Do diluvio baixando palmo a palmo...

Pois dos Afflictos as profundas maguas,  
Elle, o rude operario, humilde e calmo,  
Apparelhava como as suas tabuas !

ARAÚJO FIGUEIREDO

Laguna—1900.

SONETO

Escrepto por occasião do beneficio, dada ao Lyceu de Artes e Officios, pelo grupo Dize de Agosto, no Theatro Santa Izabel, na noite de 17 de Outubro de 1886, em que foi recitado.

Grupo gentil de nobres amadores,  
Que as artes cultivaes com alto esmero,  
Um voto recebei, puro e sincero,  
De gratidão aos vossos bons favores.

Vós hoje sois os grandes benfeitores  
Do moderno Lyceu—qual reverbero,  
D'elle dimana a luz, que considero  
Digna de tão distinctos protectores.

A arte felicitaos povos cultos,  
Alfasta a instrucção o erro e vicios;  
Da radua infeliz vence os insultos,

E ambas de progresso dão indicios:  
Aceitae, pois, ó jovens, sabios vultos,  
Applausos do «Lyceu d'Artes, Officios.»

B. V.

POESIA

IMPROVISO

«Só não morre a virtude, a intelligencia»

Morre no prado a flor; a ave nos ares  
Ao tiro morre de arcabuz certo;  
Morre do dia o esplendido luzeiro;  
Morrem as vagas nos quietos mares.

Morrem os gostos; morrem os pezares;  
Morre occulto na terra o vil dinheiro;  
D'encontro ao peilo que as apara inteiro,  
Morrem as settas dos cruéis azares.

Morre a luz; morre o amor; morre a beldade;  
Na virgem morre a candida innocencia;  
Morre a pompa, o poder; morre a amizade.

E de morte synonymo a existencia.  
No mundo é só perenne a san verdade,  
«Só não morre a virtude, a intelligencia».

F. MONIZ BARRETO